

# A fronteira americana revista\*

Ana Maria de Souza Mello Bicalho\*\*

Scott William Hoefle\*\*\*

Nas últimas décadas têm surgido várias correntes críticas ambientalistas, marxistas e pós-modernistas, reinterpretando o significado da fronteira americana e a validade do modelo “turneriano”. O debate é interessante para a realidade brasileira pelo reconhecimento de uma diversidade de processos que atuaram na fronteira americana e que são semelhantes aos processos brasileiros.

Comumente no Brasil, utiliza-se o estudo de Turner [1963 (1893)] no sentido de contrapor a fronteira americana à fronteira brasileira, considerando esta uma realidade específica. Ignora-se uma série de críticas a Turner, produzidas desde 1920 e que são reforçadas nos estudos atuais (Billington, 1967, Faragher, 1992). Pelas críticas, identificam-se processos paralelos entre as duas fronteiras, a americana e a brasileira.

A partir de 1970, cresce nos Estados Unidos o interesse pelo

tema da fronteira, e, nos anos recentes, prolifera-se o número de publicações rebatendo os mitos e as lendas sobre a ocupação do território americano. Comparando o atual debate americano com o debate brasileiro sobre a fronteira, sobressaem semelhanças, como, por exemplo, a conquista territorial envolvendo genocídio, o conflito de percepções do ambiente, o choque entre sistemas agrícolas locais com sistemas agrícolas degradadores introduzidos, a especulação de terras, a concentração fundiária, a grilagem e violência, e a presença de um Estado intervencionista que controla essas práticas. O reconhecimento de processos universais de ocupação de fronteiras, independente das especificidades históricas, aponta caminhos a uma síntese teórica sobre fronteira.

No caso americano, contrapondo-se ao modelo “turneriano”, as atuais correntes compartilham de

várias posições em comum, porém, cada uma delas põe em evidência determinados aspectos, como questões demográfico-ecológicas enfatizadas nas análises ambientalistas, questões político-econômicas nas posições marxistas, e questões socioculturais nas abordagens pós-modernistas. Neste presente trabalho, são traçadas as críticas ao modelo “turneriano” de cada uma destas correntes de pensamento. Finalizando, são contextualizadas as idéias de Turner na paisagem cultural de sua época, estabelecendo-se paralelos com a cultura americana atual, identificando problemas sociais e políticos de natureza semelhante àqueles de cem anos atrás.

## A conquista territorial e a domesticação do espaço

Uma das críticas do processo de ocupação da fronteira americana

\*Pesquisa apoiada pela Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

\*\* Professora adjunta do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

\*\*\* Antropólogo e professor adjunto do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

apóia-se numa teoria geral de fronteiras de enfoque biológico e ambiental. Associa-se a fronteira à conquista territorial, na qual há competição entre populações humanas nativas e invasoras e entre a flora e a fauna local com espécies introduzidas pelos invasores. Autores como Crosby (1986) e Cronon (1983) apontam que o sucesso ou o insucesso dos empreendimentos europeus de colonização em diferentes partes do mundo não foi apenas uma questão de fatores econômico-militares, mas, sim, de concorrência em adaptação ecológica. Quanto maior a população nativa e sua resistência a doenças introduzidas e quanto maior a diferença climática e ambiental em relação à Europa, mais difícil, incompleta e de curta duração foi a conquista e a dominação européia. Exatamente por essas razões que as primeiras tentativas européias de conquista e de colonização dos Cristãos das Cruzadas na Palestina e dos Escandinavos na Groenlândia e Canadá nos anos 1000 a 1300, representaram um fracasso, e o mesmo se diz dos projetos coloniais de 1750 a 1950 na África e na Ásia (Crosby, 1986).<sup>1</sup>

Foi nas Américas, particularmente na fronteira norte-americana, que se processou o maior sucesso de conquista territorial e povoamento europeu. Nos Estados Unidos, a população nativa foi praticamente aniquilada e introduziu-se um sistema agrícola que levou à substituição em grande parte da flora e fauna local, recriando-se, em escala continental, uma paisagem domesticada nos moldes da Europa.

Contribuiu para a conquista da fronteira americana a fraca densidade da população nativa perante o

volume de imigrantes europeus aportados e a semelhança das condições climáticas dos dois continentes, propícias à adaptação da agropecuária européia. Finalmente, a disseminação de “doenças de multidão” do Velho para o Novo Mundo, dizimou populações nativas, abrindo espaço ou criando espaço “vazio” para os europeus. As estimativas sobre o total da população nativa da América do Norte em 1500 variam de 2,5 milhões a 7 milhões de pessoas e esta cifra é drasticamente reduzida para apenas 150 000 indígenas no início do século XX. Os colonos europeus estavam cientes do seu potencial de destruição através do contágio de suas doenças, usadas como arma biológica. Como exemplo, não eram raras as doações aos indígenas de cobertores infestados com o vírus da varíola, visando, premeditadamente, a matá-los (Butzer, 1994, Crosby, 1986).

No início, a ocupação da fronteira americana foi relativamente lenta. De 1600 a 1820 a população de europeus e seus descendentes chegou a 11,6 milhões de habitantes, concentrando-se numa área compacta, longitudinal à costa atlântica, penetrando o interior em apenas 350 quilômetros (Figura 1). Entre 1820 e 1900, o processo se intensificou em passos largos, quando cerca de 20 milhões de novos imigrantes aportam no país e rapidamente ocupam o território em escala continental do Atlântico ao Pacífico. Apenas com machados destruíram 10 milhões de hectares de floresta por ano e munidos inicialmente de bacoarte e depois com

rifles tinham o propósito de matar todos os índios e animais que encontrassem em seu caminho (Figura 2). Limpavam a terra destas “pragas”, como era literalmente dito, para implantarem seu sistema agropecuário, que seguia uma estética de paisagem aberta, ordenada e ensolarada, própria do espaço domesticado europeu, desmatado e sem a ameaça da floresta fechada e escura, habitada por seres perigosos e místicos (Simmons, 1989, Atlas of world history, 1981, Turner, 1983) (Figura 3).

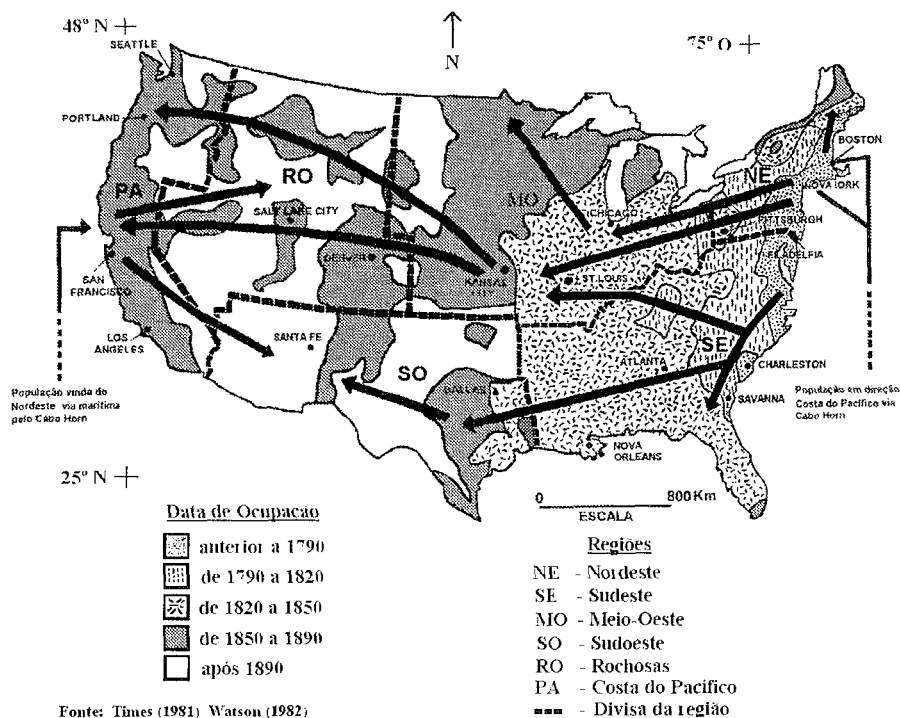
Cronon (1983) mostra o choque entre percepções do ambiente e sistemas de uso da terra entre indígenas e europeus no seu estudo de caso sobre a ocupação da região da Nova Inglaterra no início da colonização inglesa. Os primeiros exploradores admiravam a exuberância e abundância dos recursos naturais, uma vez que o uso da terra pelo indígena não substituiu em grande escala os ecossistemas naturais.<sup>2</sup>

O indígena da Nova Inglaterra praticava a agricultura de queimada de pousio longo associada à caça, coleta e pesca. Como todo sistema de queimada, sem a presença da criação de animais domésticos, mantinha grandes áreas em diferentes estágios de recomposição florestal e áreas marginais à lavoura em mata virgem, ambas exploradas para a caça e a coleta. A caça e a coleta eram realizadas de forma controlada, garantindo a reprodução dos recursos da floresta. Sendo ausente o conceito de propriedade privada da terra, que fixa o homem num lugar específico, e não sendo a população articulada a um mercado mundial de demanda ilimitada, as necessidades da vida indígena

<sup>1</sup> Os “fracassos” de domínio colonial europeu têm despertado bastante interesse entre geógrafos e outros cientistas sociais, como, por exemplo, nos estudos de Bitterli (1989), Gedlewska, Smith (1994), Thomas (1994)

<sup>2</sup> Esta reação ocorreu nos primeiros contatos dos europeus no Novo Mundo e se deu em todas as Américas (Cosgrove, 1984; Sauer, 1975; Turner, 1983)

Figura 1 - Ocupação da Fronteira Americana



permitted systems of land use that were sustainable in the long run and in harmony with the natural ecosystems.<sup>3</sup>

The English immigrant, on the contrary, fixed himself on a private property, clearing his lands and creating his domestic animals at large. He deforested the temperate forest in a permanent way, substituting it with lands, pastures and a dense impenetrable thicket for man, which contrasted with the native forest of high and spaced species, which allowed internal movement and the exploration of natural resources. In addition to new crops and introduced domestic animals, there was an uncontrolled invasion of weeds of European origin, as well as rats and domestic animals that, at large, were embraced in the forest, acquiring characteristics of wildness and competing with the native flora and fauna.

In this process of competition between species, the interference of the colonist spread, still, to areas further from the habitations by the practice of predatory hunting. Hunting was easy, due to the abundance of animals, and created in the colonists a perception of unlimited resource. They hunted indiscriminately without concern for the reproduction of animals, for the main source of protein was from the stock and not from the hunt. Simultaneously, they practiced commercial hunting of beavers and other animals valued in the market for export of skins, causing their rapid extinction at the front of expansion.<sup>4</sup> It was about this that the elimination of predators of domestic animals. Among them one can include the indigenous, for which the animals created at large were considered as any other, not existing the concept of property.

The agriculture of short rotation on the poor soils of New England provoked a rapid decline in soil fertility, leading to strong environmental degradation, which, as a result of this, impelled the front of expansion to new areas. The predatory nature of the agricultural system introduced required the constant incorporation of virgin lands. Agricultural science, which spread from Europe with methods of conservation and soil fertilization, only arrived in North America in the late 18th century, aiming at the recovery of degraded lands in the first regions of colonization. As innovations followed a westward path, ensuring the success of agricultural explorations on the continent.

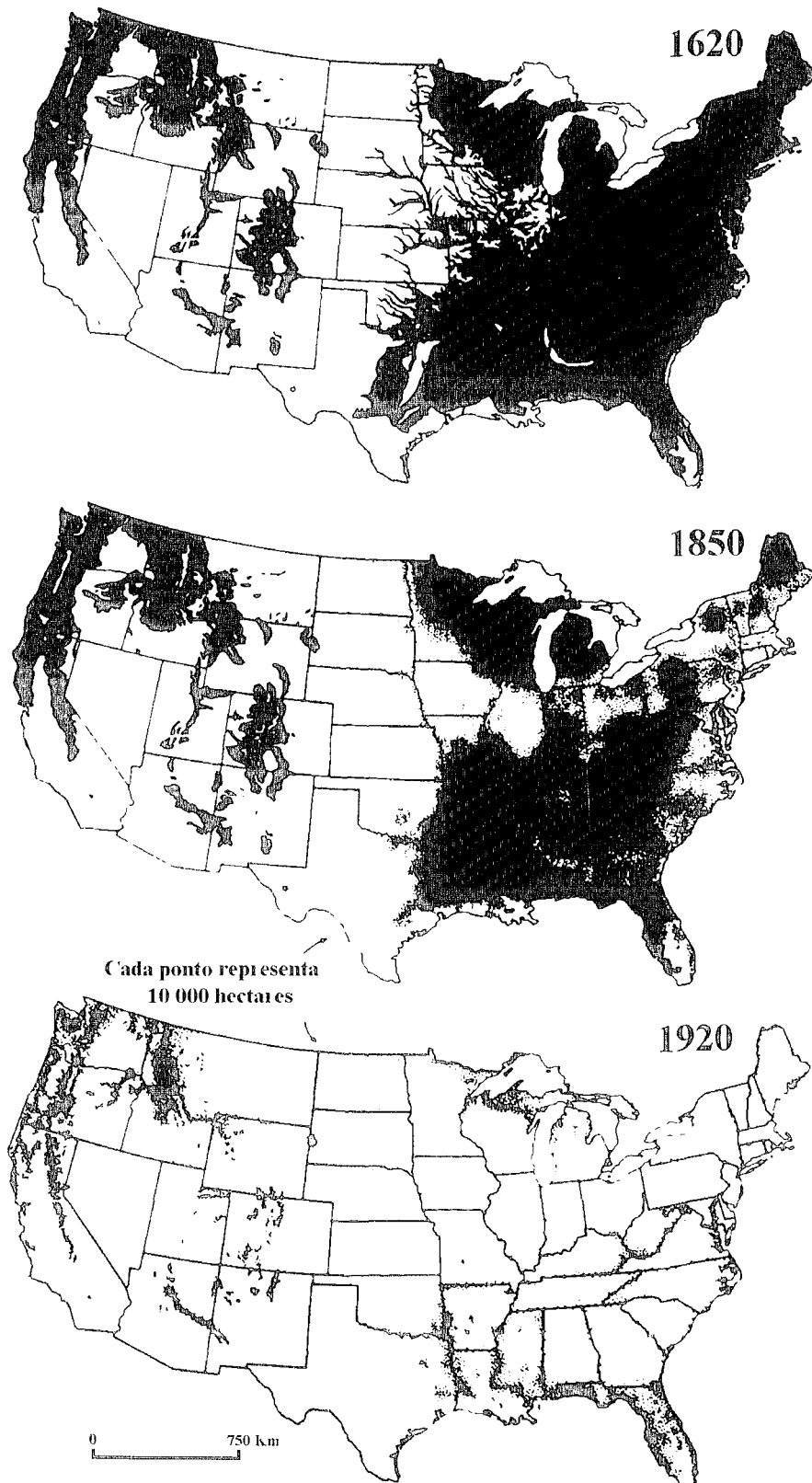
## Diversidade na fronteira e especulação de terras

In the expansion of the American frontier, Turner recognized a spatial variation of occupation with demographic and intensification in the use of the soil gradually moving westward. The sequential transition in land use systems is verified with the presence of hunting for the fur trade and extensive stock raising "at large" at the front of expansion to the west, followed by areas with slash-and-burn agriculture, intensive agriculture, and, finally, industrial zones in the east, located far from the pioneer front of expansion to the west. The model is space-time, admitting a transformation of the regions from linear stages of transition.

<sup>3</sup> Conceitualmente, Cronon baseia sua análise sobre o uso da terra indígena no estudo de economias tribais no mundo de Sahlins (1972)

<sup>4</sup> Dirija-se a Wolf (1982) para um relato sobre a importância da caça ao castor na primeira leva de ocupação de fronteiras na América do Norte e na Sibéria

**Figura 2 - Desmatamento de florestas nativas nos Estados Unidos**



Fonte: Williams (1994).

ção da caça à agricultura intensiva e cidades industriais, acompanhando o processo da expansão até a consolidação da fronteira.

A literatura recente contraria este modelo por privilegiar apenas uma frente de expansão de pequenos produtores em marcha leste-oeste, atravessando o Meio-Oeste dos Estados Unidos. Não foram considerados outros focos de expansão, outras seqüências de usos da terra, sistemas fundiários e a dinâmica urbana que imprimiram, hoje reconhecido, o caráter de diversidade da fronteira americana.

Considerando inicialmente o fato urbano, não se pode dizer que a urbanização representa a última etapa da ocupação, consolidando a fronteira. A urbanização esteve presente desde o início e foi básica à exploração e ao ordenamento do território em formação. Em 1880, o Extremo Oeste (as Rochosas e a Costa do Pacífico), que seria a frente de expansão no modelo de Turner, apresentava um dos maiores graus de urbanização do país, possuindo grandes cidades dinâmicas como Denver, Los Angeles, Portland, San Francisco e Seattle (White, 1991). No Meio-Oeste, Chicago é outro exemplo, assumindo uma posição central na incorporação da fronteira americana e também no desenvolvimento industrial do país. Graças à sua localização no ponto de contato de diferentes zonas ecológicas do Meio-Oeste e das Pradarias e à intermediação das ligações hidroviárias das extensas bacias fluviais dos rios Mississippi e São Lourenço, Chicago comandou o processo de ocupação e de desenvolvimento de metade do continente americano. Cresceu de uma pequena aldeia em 1830 para segunda cidade industrial do país em apenas 60 anos (Cronon, 1991). Em verdade, quando Turner apresentou

Figura 3 - Fases de domesticação do espaço na expansão e consolidação na fronteira, como ilustrado nas litografias de Orasmus Turner (1851)



(1) Após 6 meses de ocupação - abelituria de clareira e construção de casa rústica em toras de madeira

(2) Após 2 anos de ocupação - cercamento, continuidade do desmatamento, expansão de área de cultivo, melhoria de habitação

Fonte: Williams (1994)

u trabalho, a fronteira americana tava consolidada e os Estados Unidos já eram um país industrializado com 50% de sua população vivendo em centros urbanos e com presença de cidades médias e grandes em diferentes regiões do país (Hobsbawn, 1969, MacLennan, alker, 1980).

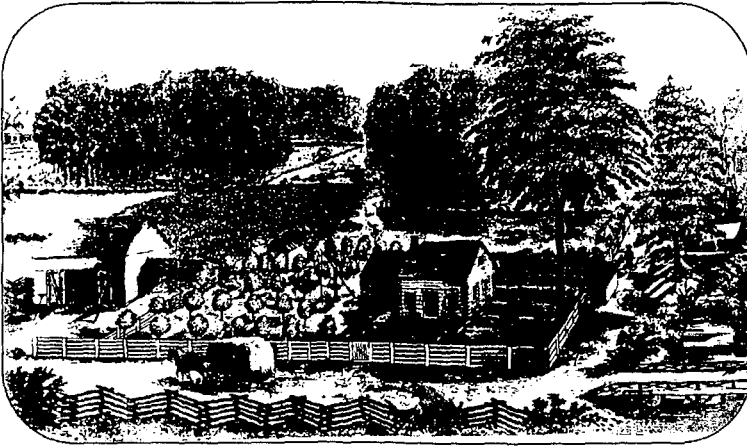
Quanto ao avanço da fronteira e incorporação do território, critica-se, ainda, Turner por ignorar a importante frente de expansão agrícola das *plantations* escravagistas de algodão no Sul, como também das grandes propriedades pecuaristas no norte das Pradarias e no Sudoeste semi-árido, que não evoluíram seguindo os

estágios de seu modelo e nem com base na pequena propriedade familiar, que estaria na frente de expansão. O mesmo se diz das frentes de exploração madeireira, no extremo norte do Meio-Oeste e do Nordeste, nas quais a agricultura nunca foi importante. Em outras áreas, como nas Carolinas, pecuaristas e lavradores chegaram juntos à área, e no Grand Valley lavradores precederam pecuaristas (Grigg, 1982). Casos de esvaziamento de frentes de expansão, em função de melhores oportunidades em outra região, ou pelo esgotamento dos recursos naturais, como ocorreu na Nova Inglaterra, são esquecidos na história (Turner, 1983).

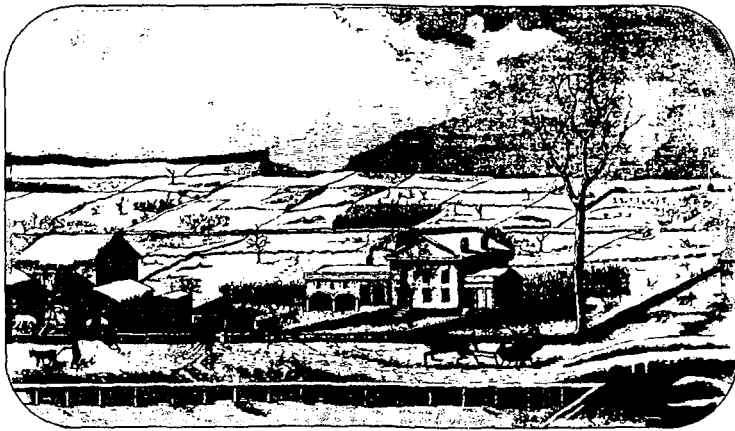
Com essa diversidade de situações, a tese de que milhões de pequenos produtores consolidaram a fronteira, fixando-se em terra livre, não pode ser sustentada. Uma intensa especulação de terras, envolvendo atores dos mais variados, como o colono, as grandes empresas imobiliárias e ferroviárias e o próprio Estado, limitaram o acesso à terra. Aparentemente, era fácil se tornar um pequeno proprietário pelo baixo valor das terras da União. Estas tiveram seu preço reduzido durante o Século XIX, passando de US\$ 4,90 o hectare em 1800 a US\$ 3,10 em 1841, US\$ 0,29 em 1854 e US\$ 0,16 em 1862. Contudo, estas mesmas terras custaram ao governo americano, por aquisições de territórios espanhóis e franceses, apenas US\$ 0,10 o hectare em média, imprimindo um caráter especulativo do próprio Estado (Grigg, 1982, Vogeler, 1981).

Há que se considerar que a maioria das terras não foram destinadas aos pequenos produtores. Dos 284,4 milhões de hectares de terra da União, transferida para o setor privado a partir de 1862, apenas 31%, ou seja, 88 milhões de hectares, destinaram-se ao Homestead Act,

(3)



(4)



(3) Após 10 anos de ocupação - adensamento populacional com a presença de vizinhos, implantação de estradas e caminhos, diminuição de áreas de floresta, cultivos em campos destocados, melhoria de habitações com construção de tábua de madeira

(4) Após um ciclo de vida - construção de uma paisagem aberta, desmatamento total, campos cultivados e arados, melhoria de habitações com ampliação da casa, número de cômodos e instalação de dependências de serviços, edificações especializadas de armazenamento e estábulos, presença de ferrovia

legislação que garantia terra a pequenos produtores<sup>5</sup>. Entretanto, a maior parte das áreas reservadas para o Homestead Act só foram adquiridas após o fechamento da fronteira, datada em 1890. As aquisições anteriores a 1900 representaram apenas 9% do total da área destina-

da à implementação desta legislação fundiária. Assim sendo, o Homestead Act teve pouca influência no processo de ocupação da fronteira e, além disso, suas terras não foram adquiridas exclusivamente por pequenos produtores. Artificios e fraudes permitiram sua aquisição

por grandes especuladores, que as revendiam ou arrendavam a preços bem mais elevados. Por outro lado, as terras do Homestead Act eram, em grande parte, as piores do país, localizadas em zonas semi-áridas e áridas, nas quais um lote padrão de 64 hectares constituía um minifúndio com seus decorrentes problemas (Vogeler, 1981).

A grande maioria das terras da União, 196,4 milhões de hectares, ficaram diretamente nas mãos dos grandes empreendimentos, empresas imobiliárias e ferroviárias. As empresas ferroviárias foram as mais beneficiadas. Suas terras, recebidas a custo zero, tiveram alta valorização pelo novo meio de transporte nelas implantado, propiciando lucros exorbitantes quando de sua venda (Post, 1995, Vogeler, 1981).

Os próprios colonos não foram atores secundários no processo de especulação. Atraídos pelo alto ganho das transações imobiliárias, também adquiriam terras com o objetivo de negociá-las e não de ocupá-las. Como exemplo, temos as cifras de Cosgrove (1984) para o Estado de Ohio em 1817. Dependendo do potencial dos solos e da sua localização, um lote de 64 hectares custava ao colono de US\$ 51 a US\$ 307. Após pequenos investimentos, como a construção de uma casa rude de toras de madeira e o desmatamento de 8 hectares ao seu redor, o mesmo imóvel passava a ter um valor de mercado de US\$ 141 a US\$ 768, respectivamente.

Este movimento de compra e venda imprime um caráter de contínua mobilidade da população na fronteira, visto como um traço cultural do colono americano, inquieto por estar sempre mudando de lugar a

<sup>5</sup> O Homestead Act de 1862 foi a mais conhecido de uma série de leis federais que ordenaram a ocupação da fronteira americana, regulando e promovendo a aquisição de terras por pequenos proprietários

lugar, sem fixar raízes (Turner, 1983).

Facilitava essa mobilidade o forte caráter guerreiro e mercenário dos colonos desbravadores de origem escocesa e irlandesa. Esses eram os colonos na frente de expansão, os conquistadores das terras indígenas. Abriam a mata e cultivavam a terra por alguns anos para, em seguida, vendê-la a imigrantes alemães, dinamarqueses, holandeses e ingleses, camponeses que consolidaram a fronteira a partir da intensificação de práticas agrícolas (Leyburn, 1962, Jones, 1983, Turner, 1983, Whyte, 1983).

Todo o processo de acesso à terra e de fixação do povoamento traz à tona a questão da equidade social na fronteira, que é a tese central do modelo "turneriano". Grigg (1982), por exemplo, apresenta dados para estados típicos da fronteira que contradizem o mito da terra livre e da equidade social. Se realmente havia facilidade de acesso à terra, como se explica em 1860, nos Estados de Kansas e Iowa, a presença de 19% e 23% da força de trabalho rural na categoria de assalariados? E, ainda, em 1880 a presença de 31% de arrendatários em Illinois? Se a fronteira foi tão importante na equidade do campo, como se explica em 1900, para o conjunto do país, a cifra de 43% de assalariados, 35% de arrendatários e apenas 22% de proprietários?

Somente nas primeiras décadas do Século XX que se instala a predominância do pequeno produtor familiar no cenário americano. O fechamento da fronteira foi seguido por um aumento no número de estabelecimentos rurais, paralelo a uma forte emigração do campo para a cidade de população sem terra. Em 1890 havia 4,6 milhões de propriedades

rurais no país, que se multiplicaram para um ápice de 6,4 milhões em 1910. Ao mesmo tempo, a força de trabalho na agricultura decresceu de 42% em 1890 para 35% em 1910 e 25% em 1930. A partir de 1910 se estabelece uma proporção de três trabalhadores familiares para cada trabalhador contratado, proporção essa que permanece a mesma durante o presente século, sustentada pela mecanização, implementando a mão-de-obra familiar (Fligstein, 1981, McLennan, Walker, 1980, Vogeler, 1981).

## Pistoleiros e burocratas

Análises recentes, enfocando aspectos políticos e culturais, contestam a concepção do *rugged individual*, o indivíduo corajoso e auto-suficiente da fronteira, personalidade desenvolvida em decorrência de seu isolamento e ausência de atuação do Estado em regiões tão distantes. Essa figura é destacada no modelo "turneriano", em centenas de filmes do faroeste americano, e, ainda hoje, no discurso político nos Estados Unidos. Sustenta-se que as exigências de sobrevivência criaram a *Yankee ingenuity*, base do *rugged individual*, dotando o americano com alto grau de criatividade. O isolamento da vida na fronteira fez com que o americano desenvolvesse uma capacidade de improvisar ferramentas e inovações técnicas e, estando longe do alcance da lei formal, torna-se um indivíduo valente que, com garantias constitucionais, armado, defendia diretamente seu sítio e sua família contra ataques de indígenas e de fazendeiros grileiros com seus capangas (Hennessey, 1978, Faragher, 1992).

Hoje, contrapondo ao isolamento da fronteira, reconhece-se a articulação da região aos mercados nacionais e internacionais já em fins do Século XVIII, particularmente pelo contexto decorrente da Guerra de Independência. A inflação e os grandes lucros comerciais, durante a Revolução Americana (1776 a 1783), propiciaram uma súbita acumulação de capital mercantil, que é investido em especulação imobiliária na fronteira. O novo governo americano, controlado pelos interesses mercantis, foi mais rigoroso do que a administração colonial inglesa na aplicação e fiscalização de leis garantindo a propriedade privada, beneficiando o especulador contra a invasão de posseiros (Post, 1995).<sup>6</sup>

A especulação imobiliária na fronteira provocou uma valorização de terras por todo o país. Combinada com novos impostos, financiando o estabelecimento dos vários níveis de governo da nova Nação, foi impulsionada uma produção cada vez mais comercial, associada à progressiva intensificação das técnicas agrícolas no Leste em fins de 1700. O mesmo processo de comercialização e intensificação agrícola se repete novamente nas décadas de 1840 e 1850 no Meio-Oeste, quando a fronteira deslocase para além do rio Mississippi. A abertura da nova área de fronteira ocorre junto com a rápida expansão das ferrovias, ocasionando a sua imediata articulação aos mercados nacionais e internacionais (Grigg, 1982, Post, 1995).

Quanto à criatividade técnica na fronteira, Grigg (1982) sustenta que as novas práticas agrícolas chegavam do Leste, trazidas pelas levas de imigrantes que consolidavam a fronteira com sistemas do uso da terra

<sup>6</sup> Toda criança americana apreende na escola que o aumento de impostos sobre o comércio entre Inglaterra e as Colônias, promovado pela Coroa inglesa após 1763, foi uma das mais importantes causas da Guerra de Independência Americana. O famoso ato de protesto da "Boston Tea Party" realizado pelos comerciantes desta cidade expressou a revolta contra a "tributação sem representação política". Como mostra Post (1995) e Slaughter (1986), após a Revolução, os mesmos comerciantes, dominando as legislaturas estaduais do Norte aumentaram o encargo tributário dos pequenos produtores, causando protestos e revoltas que foram reprimidos pelo novo exército e judiciário americano.

mais intensivos, não sendo, assim, geradas localmente. A maquinaria também vinha do Leste, passando a serem fabricadas no Meio-Oeste somente após a consolidação do povoamento e num contexto de crescente capitalização da agricultura

Acrescenta-se que a vida da fronteira estava longe de criar indivíduos de caráter honrado. Viajantes europeus na época se horrorizavam com a crueldade e o nível moral dos pioneiros. Lugares-comuns eram os bares repletos de prostitutas, sendo costume os excessos de gluttonia e de bebedeira, os concursos grotescos envolvendo o decepamento de órgãos como a orelha à dentada ou os olhos perfurados com dedos, os vícios de jogo e as apostas em brigas de animais. A própria valentia é controvertida, pois os pioneiros eram vingativos, emboscando covardemente suas vítimas em estradas desertas ou assassinando-as na cama enquanto dormiam e não em duelos na rua principal ao meio-dia, como tanto se tem decantado (Turner, 1983).

Este ambiente social sórdido, pouco honroso e violento, tem aparecido no movimento cinematográfico dos últimos 20 anos, que descobre e explora um “novo faroeste”. Os famosos filmes *The Hired Hand* e *The Unforgiven*, por exemplo, traçam heróis que são o inverso do “bom mocinho”, em contraposição aos filmes clássicos *High Noon* e *Shane*. O ditado popular *the only good Indian is a dead Indian* (o único índio bom é o índio morto), repetido centenas de vezes em filmes clássicos de faroeste, adquire seu real significado nos filmes como *Black Robe*, *The Last of the Mohicans*, *The Mission* e *Soldier Blue* que mostram o contexto de violência e de barbaridade entre índios, colonos e exércitos, pra-

ticando verdadeiros genocídios como tática explícita de guerra.

Finalmente, a personalidade do indivíduo auto-suficiente e a independência da região pela distância do Estado são outros elementos amplamente contestados. O Estado esteve sempre presente, e, inclusive, foi o gerenciador da ocupação da fronteira, que fundamentou as estruturas governamentais americanas. A ingerência político-administrativa, necessária à gestão das imensas extensões territoriais da União, requerendo a implantação de obras de infra-estrutura e a concessão de subsídios à abertura de novas áreas e à exploração de recursos, formaram a base do Estado Americano do Século XX. Ainda hoje, mais da metade das terras do Oeste são da União e perpetuam-se os subsídios às atividades madeireiras, mineradoras e pecuaristas, representando uma das questões mais polêmicas no cenário político das décadas de 1980 e 1990, quando o Estado Americano viveu déficits anuais de centenas de bilhões de dólares (Faragher, 1992).

## Intolerância religiosa e embate cultural

A colonização das Américas não foi apenas uma questão de imperialismo ecológico ou econômico, mas, também, ideológico-cultural. Ideologicamente, destaca-se a importância da motivação religiosa do invasor, fundamentada num fanatismo religioso europeu decorrente de 700 anos de guerra ao Islamismo e das reformas no Cristianismo.

O radicalismo do pensamento e das crenças cristãs, com base no desencantamento da visão da Natureza e do distanciamento do Outro Mundo, impediam ao europeu a compreensão da visão religiosa

animista do indígena. Na crença indígena, espíritos da Natureza e seres sobrenaturais interferem na vida dos humanos, havendo interseção e comunicação dos seres “Deste Mundo” com os do “Outro Mundo”. A incompreensão da cosmologia indígena incentivou e justificou a intolerância do colono europeu, considerando o nativo como um pagão em conluio com o demônio, autor de ritos satânicos em suas cerimônias religiosas.<sup>7</sup> O indígena, portanto, não merecia tratamento e respeito como cristão civilizado e nem mesmo era visto como um ser humano. Era um selvagem, vivendo como animais nas trevas da floresta, um impuro. Sua condição selvagem e animalesca impossibilitava a sua conversão ao Cristianismo. Assim sendo, ele era um ser inferior e sem importância, alimentando a crença popular de que o indígena deveria ser caçado e eliminado da face da Terra (Turner, 1983).

Expressando o embate ideológico-religioso, a fronteira americana sediou inúmeras seitas fundamentalistas e, em decorrência, foi palco de diversos movimentos messiânicos tanto de cristãos como de indígenas. Ironicamente, as seitas cristãs, que eram vítimas de perseguição na Europa, nos Estados Unidos se mostraram tão intolerantes, senão mais. Havia forte antagonismo mútuo entre comunidades de seitas específicas, sendo comum condenar como herético, feiticeiro ou bruxo qualquer pessoa que divergisse da ortodoxia local, linchando-a ou expulsando-a da comunidade, o que poderia levar à sua morte. Todo este clima de intolerância desmente o mito americano da liberdade religiosa, explicando, inclusive, o porquê da inclusão desse assunto na Constituição Americana, visando a evitar a perseguição

<sup>7</sup> Ironicamente, na visão do mundo indígena havia a comunhão com a Natureza e com os ancestrais e não com os demônios. Se reconhece, hoje, que a visão do mundo encantada, envolvendo a noção de reciprocidade entre os espíritos do outro mundo, os espíritos da floresta e os humanos vivos, limitava a degradação ambiental e a exploração social (Merchant, 1992; Schneider, 1990)



religiosa na nova Nação [Boyer, 1993, Brooke, 1995, La Barre, (1969), Turner, 1983, Wissler, (1966)]

Os indígenas sofreram várias formas de agressão contra as quais se defenderam como puderam, negociando e adquirindo armas européias, modificando seu sistema produtivo e articulando-se ao mercado, formando alianças militares com grupos rivais europeus e alianças pan-tribais em movimentos guerreiros e religiosos de resistência e levantes de rebeliões (Cronon, 1983, Steele, 1995, Turner, 1983, Wolf, 1982)

O movimento pan-tribal mais poderoso foi a Liga do Iroquês que, no Século XVII e XVIII reuniu seis tribos vizinhas, uma população total de aproximadamente 100 000 indígenas, aliando-se aos ingleses contra os franceses e seus equivalentes aliados indígenas. Sua força guerreira e aliança político-militar com os ingleses garantiram aos iroqueses um dos raros casos de sobrevivência indígena em sua terra natal, o norte do Estado de Nova York, onde residem até hoje. Os implacáveis ataques a outros indígenas extinguíram várias tribos e despovoaram uma imensa área em torno dos Grandes Lagos e no Vale do rio Ohio, abrindo caminho à subsequente colonização inglesa (Sauer, 1975, Wallace, 1969)

Além da aliança política, o comércio com os iroqueses foi de suma importância para os ingleses. Está comprovado que o primeiro impulso à indústria têxtil da Inglaterra decorreu do atendimento à demanda insaciável por tecido vermelho por este grupo de indígenas. O tecido vermelho de alto valor simbólico-religioso era trocado por peles, a matéria-prima da indústria chapeleira. O chapéu, por sua vez, tinha alto valor simbólico na Europa marcando distinções de classe. Apesar de pouco reconhecido, o comércio

europeu-indígena foi um importante propulsor da Revolução Industrial Inglesa (Turner, 1983, Wallace, 1969, Wolf, 1982)

Entretanto, os indígenas sucumbiram particularmente com o fim das guerras coloniais franco-inglesas em 1763 e a independência americana em 1783. Estes dois fatos eliminaram a necessidade de alianças do europeu com o indígena e pôs fim a qualquer restrição ao amplo avanço para o oeste, restrições advindas das alianças dos indígenas com as metrópoles coloniais (Steele, 1995, Wolf, 1982).

Reduzidos a uma minoria étnica, os indígenas norte-americanos sobreviventes foram expulsos de suas terras e realocados em reservas, áreas marginais, desertos e pântanos de difícil ou impossível exploração. Formaram verdadeiros guetos de pobreza, associados à desintegração cultural, e onde se prolifera, ainda hoje, o alcoolismo e a violência intrafamiliar. Somente em anos recentes desponta-se uma autovalorização e recuperação cultural através do surgimento de movimentos indígenas nacionais, que fazem parte de todo um repensar sobre a fronteira na sociedade americana.

## Turner e a violenta América multicultural

Apesar das novas interpretações e críticas a Turner, o interesse e os temas atuais sobre a fronteira americana são semelhantes àqueles explorados por ele no final do século passado. As duas épocas expressam um quadro de décadas de crise e reestruturação econômica, de aumento da corrente migratória e conseqüente reação étnica e de ressurgimento de movimentos populistas conservadores, associados ao fundamentalismo religioso. Tanto na época de Turner, fins do Século XIX, quanto nas últi-

mas décadas de nosso século, cem anos depois, defronta-se a sociedade americana com um grande debate nacional sobre os novos rumos do país e da nação. Questiona-se a presença do grande número de imigrantes em frente da população americana. Há a insurgência de movimentos "nativistas" em reação à ameaça da identidade americana pela possibilidade de proliferação, em Território Nacional, de novas culturas trazidas pelo imigrante (Boyer, 1993, Heard, 1995, Hennessey, 1978)

Em fins do século passado, houve uma mudança nítida no tipo e volume de imigrantes a entrar no país. O imigrante nórdico deixou de ser predominante em contraposição ao imigrante da Europa Oriental e Mediterrânea. O imigrante nórdico prevaleceu até 1880. De 1860 a 1880 os imigrantes totalizavam 5,3 milhões e desses 75% eram de origem nórdica. Vinte anos depois o quadro se altera, dos 9 milhões de imigrantes entre 1880 a 1900, a proporção de nórdicos cai para 56%, uma tendência que continua e se acelera no início do século. De 1900 e 1920, os nórdicos representaram apenas 17% do total de 14,5 milhões de imigrantes. A partir deste período a imigração global diminui em função de leis restritivas (Atlas of world history, 1981).

Em vista dessas tendências migratórias, já aparentes na década de 1890, Turner elaborou sua teoria sobre o caráter nacional americano, que é resultante da experiência na fronteira. Sua preocupação em enfatizar os valores democráticos e culturais do país expressava um temor perante a ameaça de mudanças políticas devido ao crescente número de imigrantes oriundos de países com tradição e valores absolutistas e autoritários.

Turner é um porta-voz de uma manifestação intelectual "nativista" contrária ao novo imigrante. Esta reação, também, teve expressão

política no populismo agrário e fundamentalismo religioso sustentando o candidato do Partido Democrata William Jennings Bryant nas eleições presidenciais de 1896. Nessa eleição o país se dividiu regionalmente e setorialmente. O Sul, o Oeste e o Meio-Oeste rural apoiaram Bryant, enquanto uma coligação de interesses urbano-industriais do Norte e Meio-Oeste, com forte presença dos novos imigrantes, apoiaram o candidato republicano McKinley, que venceu a eleição (Post, 1995, Atlas of world history, 1981, Vogeler, 1981)<sup>8</sup>.

Hoje, novamente, depois de longo período de crise mundial, cresce o número de imigrantes provocando uma nova reação étnica. Como no passado, a reação con-

trária à imigração associa-se a fundamentalismo religioso e movimentos anti-federalistas, particularmente no Meio-Oeste e nas Pradarias, regiões duramente atingidas pela reestruturação econômica pós-1967. Os confrontos de forças do governo com paramilitares de Ruby Ridge (Montana), de Waco (Texas) e de Oklahoma City (Oklahoma) nos mostra que os "nativistas" estão fortemente armados, não somente com fuzis e explosivos, mas, também, com uma ideologia que tem suas origens na fronteira. Atitudes anti-governistas são associadas a direitos de auto-defesa, de vingança e fanatismo religioso, heranças culturais da fronteira (Boyer, 1993, Brooke, 1995, Heard, 1995).

O legado positivo da fronteira à sociedade americana como base da democracia e da equidade social no país é bastante controverso. Talvez as heranças da fronteira sejam mais negativas do que positivas, enraizando atitudes de intolerância, violência e conflitos étnicos. A idealização equivocada da fronteira americana, contrapondo-se à realidade brasileira, pode apontar soluções falsas e de duvidosa aplicação e põe em dúvida a capacidade do Brasil na resolução dos seus próprios problemas. A comparação das duas realidades, despidas de idealizações infundadas, procurando processos em comum e ao mesmo tempo suas particularidades, traz uma nova leitura da história que pode contribuir com lições para aos processos em curso no país.

## Bibliografia

ATLAS of world history London Times, [1981?]

BILLINGTON, R. A. The American frontier In. BOHANNAN, P, PLOG, F (Ed) *Beyond the frontier* Garden City The Natural History Press, 1967 p 3-24

BITTERLI, U *Cultures in conflict* London Polity, 1989

BOYER, P. A. Brief history of the end of time . the roots of David Koresh's millennialism are planted deep in american soil *New Republic*, v 208, n. 20, p 30-34, 1993

BROOKE, J L *The refiner's fire* the making of mormon cosmology 1644-1844 Cambridge · Cambridge University Press, 1995

BUTZER, K W The indian legacy In CONZEN (Ed) *The making of the american landscape* London Routledge, 1994 p 27-50

CAPLAN, L (Ed) *Studies in religious fundamentalism* Albany State University of New York Press, 1987

COSGROVE, D E. *Social formation and symbolic landscape* London Croom Helm, 1984

CRONON, W *Changes in the land* New York · Hill & Wang, 1983

\_\_\_\_ *Nature's metropolis*. New York Norton, 1991

CROSBY, A W *Ecological imperialism*. Cambridge : Cambridge University Press, 1986

FARAGHER, J M Gunslingers and bureaucrats *New Republic*, v 206, n 50, p 29-36, 1992

FLIGSTEIN, N *Going North* · migration of blacks and whites from the South 1900-1950 New York . Academic Press, 1981

GODLEWSKA, A , SMITH, N (Ed) . *Geography and empire* Oxford : Blackwell, 1994.

<sup>8</sup> A realidade do país em 1896 era bem diferente daquela de períodos anteriores de militância populista durante crises financeiras nas décadas de 1780, 1790 e 1820, 1830, quando agricultores e operários urbanos se juntaram numa aliança contra o poder financeiro numa América ainda predominantemente rural (Sellers, 1994, Post, 1995, Vogeler, 1981) No final do século XIX havia forte separação de grupos de interesse urbano e rural num contexto de país cada vez mais industrializado

- GREGOR, H. F. *Geography of agriculture*. Englewood Cliffs, NJ. Prentice-Hall, 1970 181 p
- GRIGG, D. *The dynamics of agricultural change* London Hutchinson, 1982
- HEARD, A. The road to Oklahoma City. *New Republic*, v 212, n 20, p 15-20, 1995
- HEILBRONER, R. *The worldly philosophers* New York Clarion, 1967
- HENNESSEY, A. *The frontier in Latin American history* Albuquerque : University of New Mexico Press, 1978
- HOBBSAWN, E. *Industry and empire* Harmondsworth : Penguin, 1969
- JONES, H. Population patterns and processes from c 1600 In: WHITTINGTON, G., WHYTE, I D (Ed ) *An historical geography of Scotland* London . Academic Press, 1983. p 93-118
- LA BARRE, W. *The peyote cult* New York Schocken, 1969
- LEYBURN, J G. *The scotch-irish* Chapel Hill University of North Carolina Press, 1962
- MacLENNAN, C., WALKER, R. Agribusiness in the United States. In BURBACH, R , FLYNN, P (Ed ) *Agribusiness in the Americas* New York Monthly Review Press, 1980 p 20-40
- MERCHANT, C. *Radical ecology* London Routledge, 1992.
- OMERNIK, J M. *Ecoregions of the conterminous United States* Washington, DC. U.S. Environmental Protection Agency, 1986 Mapa
- POST, C. The agrarian origins of U S capitalism *Journal of Peasant Studies*, v. 22, n 3, p. 389-445, 1995.
- SAHLINS, M. *Stone age economics*. London Tavistock, 1972
- SAUER, C O. *Seventeenth century North America* Berkeley Turtle Island, 1975.
- SCHNEIDER, J. Spirits and the spirit of capitalism. In BADONE, E (Ed.) *Religious orthodoxy and popular faith in european society*. Princeton Princeton University Press, 1990 p 24-53
- SELLERS, C. *The market revolution* . Jacksonian America 1815-1846 New York · Oxford University Press, 1994
- SIMMONS, I G. *Changing the face of the earth* Oxford Blackwell, 1989
- SLAUGHTER, T P. *The whisky rebellion* New York Oxford University Press, 1986
- STEELE, I K. *Warpaths* invasions of North America. New York Oxford University Press, 1995.
- THOMAS, N. *Colonialism's culture*. London Polity, 1994
- TURNER, F. *Beyond geography*. New Brunswick Rutgers University Press, 1983
- TURNER, F J. *The significance of the frontier in american history*. New York Frederick Ungar, 1963
- VOGELER, I. *The myth of the family farm* . agribusiness dominance of U S agriculture Boulder Westview Press, 1981
- WALLACE, A F C. *The death and rebirth of the Seneca*. New York . Vintage, 1969
- WHITE, R. *It's your misfortune and none of my own* a history of the american West Norman : University of Oklahoma Press, 1991.
- \_\_\_\_\_. Patriotic Gore *New Republic*, v 212, n. 3, p 42-45, 1995
- WHYTE, I. D. Early modern Scotland. In: WHITTINGTON, G., WHYTE, I D. (Ed.) *An historical geography of Scotland*. London Academic Press, 1983. p. 119-140
- WILLIAMS, M. The clearing of the forests. In CONZEN (Ed.). *The making of the American landscape*. London . Routledge, 1994 p. 146-168
- WISSELER, C. *Indians of the United States* Garden City Anchor, 1966
- WOLF, E R. *Europe and the people without history* Berkeley University of California Press, 1982

## Resumo

O conhecimento que se tem no Brasil sobre o processo de ocupação da fronteira americana apóia-se na obra de Turner de 1893, na qual o autor identifica a fronteira como a base do desenvolvimento da democracia e da equidade social na cultura americana. Turner é, hoje, controvertido, e as atuais reinterpretações apontam para uma visão idealizada daquele autor.

Objetiva-se, neste trabalho, apresentar e discutir as novas idéias, nas quais a fronteira americana aparece com um palco de conquista territorial, envolvendo devastação ambiental, violência, especulação imobiliária, desigualdade social e autoritarismo político, interpretações opostas às de Turner.

A quebra de mitos sobre a fronteira americana e de idealizações equivocadas possibilita uma nova leitura da história, contribuindo para uma compreensão geral de processos em curso nas atuais fronteiras de outros países, entre eles o Brasil.

## Abstract

The idealized view of the American frontier commonly held in Brazil is based on Turner's work of 1893 in which the frontier was thought to have been responsible for the development of democracy and social equity in the United States. This view is widely criticized today and the recent literature argues for a more negative interpretation of the American frontier.

This literature is reviewed here and the settlement of the American frontier is shown to have involved a process of territorial conquest, resulting in environmental devastation, wide spread violence, social inequality and authoritarian political practices.

By overturning the myths and misinterpretations of the American frontier a better understanding of past and present frontiers in different parts of the world, including Brazil, is obtained.